

O AT e sua impossibilidade diante da neurose

Eixo Temático: Princípios do at: rede território e (des)institucionalização A Ética do AT

Autor: Priscila Venosa

Equipe Hiato - Brasil

RESUMO

Desde a perspectiva psicanalítica, o Acompanhamento Terapêutico (AT) pode ser considerado um dispositivo da clínica ampliada. Como tal, ele deve corresponder à ética da psicanálise, estando delimitado estruturalmente por sua impossibilidade discursiva, que determina a escuta do sujeito do inconsciente e restringe o exercício de qualquer poder. Sabe-se que tem surgido muitas demandas de AT para o atendimento de casos graves de neurose, ou casos de neurose em momentos de crise. Tal situação tem criado a necessidade de se teorizar sobre essa prática que se distingue em termos de direção de tratamento em relação aos casos de psicose classicamente acompanhados. Ao escutar um sujeito neurótico, o acompanhante terapêutico (at) deve estar ciente de que o problema não está no estabelecimento do laço social, mas sim no laço social estabelecido por esse sujeito. Posto isso, torna-se relevante a questão sobre os meios pelos quais o at pode intervir no enlaçamento que produziu a crise. Neste trabalho, consideraremos a noção de “impossível” desenvolvida por Lacan em “O avesso da psicanálise” para abordar quais seriam as possibilidades do at na escuta desses sujeitos. Para tanto, pretendemos trazer a construção de um caso clínico de AT de uma neurótica acompanhada pela autora deste trabalho.

Palavras-chave: AT, ética, psicanálise, neurose

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=xb6vYO5KaMc>

O AT e sua impossibilidade diante da neurose

Desde a perspectiva psicanalítica, o Acompanhamento Terapêutico (AT) pode ser considerado um dispositivo da clínica ampliada. Como tal, ele deve corresponder à ética da psicanálise, estando delimitado estruturalmente por sua impossibilidade discursiva, que determina a escuta do sujeito do inconsciente e restringe o exercício de qualquer poder. Sabe-se que tem surgido muitas demandas de AT para o atendimento de casos graves de sujeitos neuróticos, ou casos de sujeitos neuróticos em momentos de crise. Tal situação tem criado a necessidade de se teorizar sobre essa prática que se distingue em termos de direção de tratamento em relação aos casos de sujeitos psicóticos tradicionalmente acompanhados (BORGES; FERNANDES; GERASSI; NARS; PIZZIMENTI; SIQUEIRA; METZGER, 2017). Ao escutar um sujeito neurótico, o acompanhante terapêutico (at) deve estar ciente de que o problema não está no estabelecimento do laço social, mas sim no laço social estabelecido por esse sujeito. Posto isso, torna-se relevante a questão sobre os meios pelos quais o at pode intervir no enlaçamento que produziu a crise.

Uma forma de descrever um conjunto de possibilidades é partindo da exposição do que não cabe nesse mesmo conjunto. Assim, partir-se-á aqui da noção de “impossibilidade” desenvolvida por Lacan a partir dos três impossíveis freudianos para abordar quais seriam as possibilidades do at na escuta de sujeitos neuróticos. A noção psicanalítica de “impossibilidade” advém de uma constatação freudiana de que a psicanálise não é simplesmente um campo de conhecimento epistêmico e, portanto, não cabe a ela fornecer “visões de mundo” educativas. Por esse motivo, não devemos esperar sucesso total do empreendimento de psicanalisar, uma vez que por depender da linguagem para se realizar, todos os discursos estariam fadados a algum tipo específico de fracasso como resto de suas operações¹. O que é importante de se ressaltar aqui é que a psicanálise não opera por meio da aplicação de seu método ou de qualquer conhecimento, mas sim com um ato interpretativo. Por

¹ Essas elaborações sobre a diferença entre a psicanálise como campo epistêmico de saber e a psicanálise como posição discursiva estão expostas de forma mais detalhada na dissertação de mestrado da autora desse trabalho, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2015.

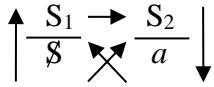
isso, depende da experiência do inconsciente, propiciada principalmente pelas experiências de análise e supervisão, não bastando para sustentá-lo – o discurso da psicanálise – unicamente o estudo teórico de seus conceitos.

Neste trabalho, apresentaremos um caso clínico de uma neurótica acompanhada pela autora do presente trabalho, supervisionada na Equipe Hiato de Acompanhamento Terapêutico. Entende-se aqui que da singularidade da reflexão propiciada pela construção de um caso clínico pode-se extrair algumas considerações a respeito da universalidade da prática do at orientado pela ética da psicanálise quando na condução de casos de neurose.

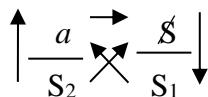
Neste caso, o AT é indicado pela psiquiatra da garota adolescente devido a uma situação de crise que culminou em duas tentativas de suicídio após o seu aniversário de 18 anos – ano em que, já tendo concluído o ensino médio, foi presenteada por seus pais com um “ano sabático”. A psiquiatra que indicou a at recomendou que ela fosse a baladas com a acompanhada e revelou qual sua expectativa nesta indicação por meio da seguinte recomendação: de que a at pudesse contê-la quando ela tivesse comportamentos que a colocassem em risco, como por exemplo o abuso de drogas e o comportamento promíscuo.

Sabemos que em algumas montagens, dependendo do contexto, o AT é realizado como um dispositivo de apoio submetido ao poder médico, e funciona nesses casos como um mero auxiliar do psiquiatra, que este sim conduziria o tratamento do sujeito no caso a partir de sua posição de mestria. Nestas montagens, ao AT caberia reproduzir a ordem médica.

No caso em questão, acolhemos tal demanda da psiquiatra, sabendo que não poderíamos responder a ela, pois notamos que ali havia um equívoco já que o AT não pode exatamente conter um indivíduo, podendo no máximo intervir para que apareça o sujeito em sua conexão possível com seus objetos. O AT nesse caso se orientou por uma política que pressupõe uma separação em relação ao saber do Outro, e não uma alienação, tal qual ocorreria se procedesse reproduzindo o discurso do mestre, que podemos observar no matema a seguir:



Não é por estar nas situações do cotidiano com o seu acompanhado que ele poderá impedi-lo: o at orientado pela ética da psicanálise não se interpõe entre o sujeito neurótico e seus objetos pulsionais. Mas sim, procura interferir nesse circuito ao interrogar o sujeito em sua posição. Para isso, ele não precisa estar presente na situação específica em que o sujeito se coloque em risco, como neste nosso exemplo, mas nada o impede que o questione a partir de sua presença *in loco*. Independentemente do setting, a escuta do analista será sempre determinada por sua ética, expressa em seu discurso, o discurso da impossibilidade de psicanalizar, tal qual ele foi matemizado por Lacan:



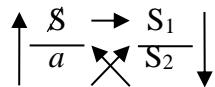
Aqui nesse discurso que se apresenta como avesso ao discurso do mestre, temos o objeto a no lugar de agente, dirigindo-se ao sujeito barrado no lugar de outro. Este é o único discurso que se dirige ao sujeito no lugar de outro, e que portanto, incita-o a aparecer e se apresentar ali, implicando portanto em um desejo de que o desejo do outro possa surgir.

A garota, a quem chamaremos aqui de Lolita – personagem de Nabokov com quem ela mesma dizia se identificar – topou ser acompanhada nas baladas. E curiosamente, diga-se de passagem, não questionou qual seria a função de sua at, ou com qual finalidade ela se prestaria a estar nesses lugares com ela noite afora. Iniciado o trabalho, sendo acompanhada nas baladas e nenhuma vez barrada fisicamente por sua at, sendo tão somente questionada sobre suas atitudes ali naquelas situações, a garota passou a falar do que a movia a agir: nada além do que o pedido do outro. Sim, o motivo para ter beijado alguém, por exemplo, era o simples fato desse alguém ter pedido um beijo seu. Quando interrogada sobre seu próprio interesse por beijar esta ou aquela pessoa, parecia surpresa, e respondia: “ah, não me custa nada” (sic).

Assim, aos poucos revelava-se em sua fala a sua posição “objetificada” – que é própria da fantasia e da alienação do sujeito na histeria. Posição esta

da qual a acompanhada não parecia ter qualquer notícia até começar a falar. O desejo de Lolita estava obscurecido pelo desejo do Outro, podemos dizer talvez que ela estava escondida ali naquela alienação ao Outro. De acordo com Metzger (2017): “O sujeito tenta fazer coincidir o desejo do Outro com sua demanda”, pois embora não tenhamos acesso simbólico ao que é da ordem do desejo, da demanda, diferentemente, podemos ter alguma notícia.

Para que o sujeito neurótico fale, e através de sua fala, deixe surgir algo de seu desejo, é preciso que sua demanda não seja totalmente respondida por quem quer que seja o destinatário desta mensagem. Se a at tivesse ocupado o espaço das baladas junto com sua acompanhada de modo a lhe dizer o que fazer, ou o que não fazer, provavelmente ela a teria atendido, da mesma forma como costumava fazer com os pedidos dos outros, aos quais “não lhe custava nada” responder afirmativamente. Mas será que teria começado a ter voz como sujeito do inconsciente? Pensamos que não, esse sujeito só tem vez quando é convocado a comparecer, no lugar do outro, a trabalhar para produzir os significantes do Outro aos quais se alienou e, portanto, o determinam. Quando esse trabalho do analisante se inicia, pode-se dizer que o sujeito entrou em análise por meio do discurso da histérica:



Nessa via de laço proposta pelo discurso da histérica, o sujeito busca obter um saber sobre aquilo que o determina, e para isso ele se dirige ao outro que supõe obter uma resposta sobre o que lhe falta, respondendo a sua questão sobre o falo, mas o saber que o mestre pode produzir não diz de sua verdade e por isso não lhe satisfaz. E é por isso que, embora esse discurso seja conhecido como discurso de entrada em análise, para que o sujeito dê continuidade ao seu trabalho como analisante é necessário que o analista não lhe responda, como um mestre talvez faria, sobre a sua questão.

A medida em que nossa Lolita falava com sua at nos diversos encontros que se sucederam, não apenas a noite nas baladas, mas também na sua casa em horários diurnos, foi possível interrogar algumas de suas escolhas desde a conclusão do ensino médio até o momento atual e a partir daí traçar um projeto

terapêutico singular para a garota. Criou-se aos poucos um enigma para Lolita sobre seu modo de agir, ela passou a endereçar para a sua analista e também para sua at, questões a respeito de partes de sua história de vida: como o fato de ter sido deixada pela mãe biológica, e depois adotada, como esses acontecimentos poderiam estar de alguma maneira relacionados ao fato de se sentir por vezes tão sem lugar, na família, na escola, em qualquer situação enfim, a não ser quando acreditava estar agindo como Lolita?

Ao invés de responder diretamente às suas questões, fazendo semblante de silêncio, como a posição discursiva da psicanálise propõe, a at mantinha aberto o espaço para que o sujeito pudesse falar. E falando, a garota foi aos poucos cedendo de suas identificações imaginárias com a tal personagem. Deu notícias disso num dos encontros dizendo que já não estava mais tão interessada em seu namorado mais velho, e em forma de queixa, chegou a mencionar que, embora não soubesse explicar por que, já não estava tão a fim de assistir ao filme “Lolita” ou um outro sobre a vida de Sid & Nancy que adorava e costumava ver pelo menos uma vez na semana. Disse que estava chateada por “não saber mais quem era”. Apesar dessa chateação da qual se queixou, a garota, que além de gostar de se fazer de Lolita, dizia gostar de arte, e desenhava muito bem, começou então a pedir para sua at a levar a algumas exposições, por sugestão também de sua analista. Isso se desenrolou por alguns encontros até que Lolita se propôs enfim a se engajar no estudo das belas artes em um curso superior.

Assim, a at a auxiliou a sustentar esse projeto que figurou naquele momento como relacionado ao seu desejo. Nos seus encontros com a at, passou também a abordar assuntos relacionados a sua vida escolar pregressa e a partir dos quais tirou conclusões que ainda lhe causavam certa inibição e dificultavam que pudesse sustentar e dar continuidade a sua iniciativa. Até que, após acompanhá-la ao longo do primeiro semestre do curso, começou a problematizar com a psiquiatra e a psicanalista dela a atual pertinência do dispositivo do AT para a garota, uma vez que avaliava que o período de crise já havia sido atravessado, Lolita já estava envolvida em um projeto de futuro para si, já podia vislumbrar uma vida que considerava interessante após os 18 anos, e deu notícia disso de várias maneiras: com seus projetos de estudo, ao tirar a carteira nacional de habilitação, ao comemorar seu aniversário de 19 anos, ao

sustentar um relacionamento com um rapaz de sua idade por quem se dizia muito apaixonada e até com o plano de arranjar um trabalho para poder arrecadar fundos para certos consumos que a mãe já não topava bancar.

A construção deste caso clínico e as elaborações foram possíveis a partir deste trabalho de escrita nos leva a considerar que a técnica do AT orientado pela ética da psicanálise não somente pode ser indicada como um dispositivo de apoio para tratar momentos críticos em casos de neurose, como sua indicação pode auxiliar o sujeito em seu (re-)engajamento em uma análise. A partir dos desdobramentos do acompanhamento terapêutico narrado aqui, de como iniciou até o desfecho que teve, cabe ainda se perguntar se em algum momento, mesmo frequentando o consultório de uma analista, o sujeito em questão não teria se perdido em relação à sua questão de análise, passando ao ato e entrando em crise.

Referência Bibliográfica:

BORGES, L. W.; FERNANDES, E. R.; GERASSI, C. S. D.; NARS, C. C. F.; PIZZIMENTI, G. O.; SIQUEIRA, T.; METZGER, C., **Demandas Atuais de Acompanhamento Terapêutico e Diagnóstico Estrutural.** *Blog do Lacaneando.* Disponível em: <https://lacaneando.com.br/demandas-atuais-de-acompanhamento-terapeutico-e-diagnostico-estrutural/> Acesso aos 22/09/2017.

LACAN, J. **O seminário, livro 17:** o avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, 231 p.

METZGER, C. **O que faz um AT nos casos de neurose?** *Página da Revista La PlazAT: La Revista Digital de Los Acompañantes Terapéuticos, nº1, Jul./2017.* Disponível em: <https://www.facebook.com/214680679024829/photos/a.220948935064670.1073741828.214680679024829/272417466584483/?type=3&theater> Acesso aos 22/09/2017.

ESPAÑOL:

El AT y su imposibilidad ante la neurosis

Eje Temático: La Ética del AT

Palabras clave: AT, ética, psicoanálisis, neurosis

Desde la perspectiva psicoanalítica, el Acompañamiento Terapéutico (AT) puede ser considerado un dispositivo de la clínica ampliada. Como tal, debe corresponder a la ética del psicoanálisis, estando delimitado estructuralmente por su imposibilidad discursiva, que determina la escucha del sujeto del inconsciente y restringe el ejercicio de cualquier poder. Se sabe que ha surgido muchas demandas de AT para la atención de casos graves de sujetos neuróticos, o casos de sujetos neuróticos en momentos de crisis. Esta situación ha creado la necesidad de teorizarse sobre esa práctica que se distingue en términos de dirección de tratamiento en relación a los casos de sujetos psicóticos tradicionalmente acompañados (BORGES; FERNANDES; GERASSI; NARS; PIZZIMENTI; SIQUEIRA; METZGER, 2017). Al escuchar a un sujeto neurótico, el acompañante terapéutico (at) debe ser consciente de que el problema no está en el establecimiento del lazo social, sino en el lazo social establecido por ese sujeto. Al hacerlo, se hace relevante la cuestión sobre los medios por los cuales el at puede intervenir en el enclavamiento que produjo la crisis.

Una forma de describir un conjunto de posibilidades es partiendo de la exposición de lo que no cabe en ese mismo conjunto. Así, se partirá aquí de la noción de "imposibilidad" desarrollada por Lacan a partir de los tres imposibles freudianos para abordar cuáles serían las posibilidades del at en la escucha de sujetos neuróticos. La noción psicoanalítica de "imposibilidad" proviene de una constatación freudiana de que el psicoanálisis no es simplemente un campo de conocimiento epistémico y, por lo tanto, no le corresponde proporcionar "visiones de mundo" educativas. Por eso, no debemos esperar el éxito total del emprendimiento de psicoanalista, ya que por depender del lenguaje para realizarse, todos los discursos estarían destinados a algún tipo específico de fracaso como resto de sus operaciones². Lo que es importante resaltar aquí es que el psicoanálisis no opera por medio de la aplicación de su método o de cualquier conocimiento, sino con un acto interpretativo. Por eso, depende de la experiencia del inconsciente, propiciada principalmente por las experiencias de análisis y supervisión, no bastando para sostenerlo - el discurso del psicoanálisis - únicamente el estudio teórico de sus conceptos.

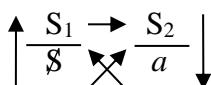
² Estas elaboraciones sobre la diferencia entre el psicoanálisis como campo epistémico de saber y el psicoanálisis como posición discursiva están expuestas de forma más detallada en la disertación de maestría de la autora de ese trabajo, defendida en la Pontificia Universidad Católica de São Paulo en 2015.

En este trabajo, presentaremos un caso clínico de una neurótica acompañada por la autora del presente trabajo, supervisada en el Equipo Hiato de Acompañamiento Terapéutico. Se entiende aquí que de la singularidad de la reflexión propiciada por la construcción de un caso clínico se pueden extraer algunas consideraciones respecto a la universalidad de la práctica del at orientado por la ética del psicoanálisis cuando en la conducción de casos de neurosis.

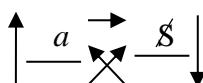
En este caso, el AT es indicado por la psiquiatra de la niña adolescente debido a una situación de crisis que culminó en dos intentos de suicidio después de su cumpleaños de 18 años-año en que, ya habiendo concluido la enseñanza media, fue regalada por sus padres con un "año sabático". La psiquiatra que indicó la at recomendó que ella fuera a baladas con la acompañada y reveló cuál es su expectativa en esta indicación por medio de la siguiente recomendación: de que la at pudiera contenerla cuando ella tuviera comportamientos que la pusieran en riesgo, como por ejemplo, el abuso de drogas y el comportamiento promiscuo.

Sabemos que en algunos montajes, dependiendo del contexto, el AT se realiza como un dispositivo de apoyo sometido al poder médico, y funciona en esos casos como un mero auxiliar del psiquiatra, que éste sí conduciría el tratamiento del sujeto en el caso desde su posición de maestría. En estos montajes, al AT cabría reproducir el orden médico.

En el caso en cuestión, acogemos tal demanda de la psiquiatra, sabiendo que no podríamos responder a ella, pues notamos que allí había un equívoco ya que el AT no puede exactamente contener a un individuo, pudiendo en el máximo intervenir para que aparezca el sujeto en su conexión posible con sus objetos. El AT en ese caso se orientó por una política que presupone una separación en relación al saber del Otro, y no una alienación, tal cual ocurriría si procediera reproduciendo el discurso del maestro, que podemos observar en el matema a seguir:



No es por estar en las situaciones de lo cotidiano con su acompañado que él podrá impedirlo: el at orientado por la ética del psicoanálisis no se interpone entre el sujeto neurótico y sus objetos pulsionales. Pero sí, procura interferir en ese circuito al interrogar al sujeto en su posición. Para ello, no necesita estar presente en la situación específica en que el sujeto se pone en riesgo, como en nuestro ejemplo, pero nada le impide que lo cuestione a partir de su presencia in loco. Independientemente del setting, la escucha del analista será siempre determinada por su ética, expresada en su discurso, el discurso de la imposibilidad de psicoanalista, tal cual en el matema de Lacan:

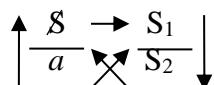


Aquí en ese discurso que se presenta como reverso al discurso del maestro, tenemos el objeto a en lugar de agente, dirigiéndose al sujeto barrado en el lugar de otro. Este es el único discurso que se dirige al sujeto en el lugar de otro, y que por lo tanto, incita a aparecer y presentarse allí, implicando por tanto en un deseo de que el deseo del otro pueda surgir.

La chica, a quien llamaremos aquí de Lolita - personaje de Nabokov con quien ella misma decía identificarse - topó ser acompañada en las baladas. Y curiosamente, se diga de paso, no cuestionó cuál sería la función de su at, o con qué finalidad se prestaría a estar en esos lugares con ella noche afuera. Se inició el trabajo, siendo acompañada en las baladas y ninguna vez barrada físicamente por su at, siendo tan sólo cuestionada sobre sus actitudes allí en aquellas situaciones, la muchacha pasó a hablar de lo que la movía a actuar: nada más que el pedido del otro. Sí, el motivo de haber besado a alguien, por ejemplo, era el simple hecho de que alguien hubiera pedido un beso suyo. Cuando se le preguntó sobre su propio interés por besar a esta o aquella persona, parecía sorpresa, y respondía: "ah, no me cuesta nada" (sic).

Así, poco a poco se revelaba en su discurso su posición "objetivada" - que es propia de la fantasía y de la alienación del sujeto en la histeria. La posición de la que la acompañada no parecía tener ninguna noticia hasta que comenzara a hablar. El deseo de Lolita estaba oscurecido por el deseo del Otro, podemos decir tal vez que ella estaba escondida allí en aquella alienación al Otro. De acuerdo con Metzger (2017): "El sujeto intenta hacer coincidir el deseo del Otro con su demanda", pues aunque no tengamos acceso simbólico a lo que es del orden del deseo, de la demanda, a diferencia, podemos tener alguna noticia.

Para que el sujeto neurótico hable, ya través de su habla, deje surgir algo de su deseo, es necesario que su demanda no sea totalmente respondida por quien sea el destinatario de este mensaje. Si la at hubiera ocupado el espacio de las baladas junto con su acompañada para decirle qué hacer, o qué no hacer, probablemente la habría atendido, de la misma forma que solía hacer con los pedidos de los demás, a los que "no le costaba nada" "responder afirmativamente. Pero ¿habría comenzado a tener voz como sujeto del inconsciente? Pensamos que no, ese sujeto sólo tiene tiempo cuando es convocado a comparecer, en el lugar del otro, a trabajar para producir los significantes del Otro a los que se alienó y, por lo tanto, lo determinan. Cuando ese trabajo del analizante se inicia, se puede decir que el sujeto entró en análisis por medio del discurso de la histérica:



En esta vía de lazo propuesta por el discurso de la histérica, el sujeto busca obtener un saber sobre aquello que lo determina, y para ello se dirige al

otro que supone obtener una respuesta sobre lo que le falta, respondiendo su pregunta sobre el fallo, pero el saber que el maestro puede producir no dice de su verdad y por eso no le satisface. Y es por eso que, aunque ese discurso sea conocido como discurso de entrada en análisis, para que el sujeto dé continuidad a su trabajo como analizante es necesario que el analista no le responda, como un maestro tal vez haría, sobre su cuestión.

La medida en que nuestra Lolita hablaba con su at en los diversos encuentros que se sucedieron, no sólo la noche en las baladas, sino también en su casa en horarios diurnos, fue posible interrogar algunas de sus elecciones desde la conclusión de la enseñanza media hasta el momento actual y a partir de ahí trazar un proyecto terapéutico singular para la chica. Se creó poco a poco un enigma para Lolita sobre su modo de actuar, ella pasó a dirigirse a su analista y también a su at, cuestiones acerca de partes de su historia de vida: como el hecho de haber sido dejada por la madre biológica y después adoptada, ¿cómo podrían ocurrir estos acontecimientos de alguna manera relacionados con el hecho de sentirse a veces tan sin lugar en la familia, en la escuela, en cualquier situación, a menos que creía estar actuando como Lolita?

En vez de responder directamente a sus preguntas, haciendo semblante de silencio, como la posición discursiva del psicoanálisis propone, la at mantenía abierto el espacio para que el sujeto pudiera hablar. Y hablando, la chica fue a poco cediendo de sus identificaciones imaginarias con ese personaje. En una de las reuniones que decía que ya no estaba más interesada en su novio más viejo, y en forma de queja, llegó a mencionar que, aunque no sabía explicar por qué, ya no estaba tan a fin de ver la película "Lolita "O uno sobre la vida de Sid & Nancy que adoraba y solía ver por lo menos una vez a la semana. Dijo que estaba molesta por "no saber más quién era". A pesar de esa molestia de la que se quejó, la chica, que además de gustar de hacerse de Lolita, decía gustar de arte, y dibujaba muy bien, empezó entonces a pedirle a ella para llevar a algunas exposiciones, por sugerencia también de su analista . Esto se desarrolló por algunos encuentros hasta que Lolita se propuso en fin a involucrarse en el estudio de las bellas artes en un curso superior.

Así, la at ayudó a sostener ese proyecto que figuró en aquel momento como relacionado a su deseo. En sus encuentros con la at, pasó también a abordar asuntos relacionados con su vida escolar anterior ya partir de los cuales sacó conclusiones que aún le causaban cierta inhibición y dificultaban que pudiera sostener y dar continuidad a su iniciativa. Hasta que, tras acompañarla a lo largo del primer semestre del curso, comenzó a problematizar con la psiquiatra y la psicoanalista de ella la actual pertinencia del dispositivo del AT para la niña, una vez que evaluaba que el período de crisis ya había sido atravesado, Lolita ya estaba involucrada en un proyecto de futuro para sí, ya podía vislumbrar una vida que consideraba interesante después de los 18 años, y dio noticia de ello de varias maneras: con sus proyectos de estudio, al sacar la cartera nacional de habilitación, al conmemorar su cartera de 19 años, al sostener una relación con un chico de su edad por quien se decía muy apasionada y hasta con el plan de arreglar un trabajo para poder recaudar fondos para ciertos consumos que la madre ya no topaba en bancarro.

La construcción de este caso clínico y las elaboraciones fueron posibles a partir de este trabajo de escritura nos lleva a considerar que la técnica del AT orientado por la ética del psicoanálisis no sólo puede ser indicada como un dispositivo de apoyo para tratar momentos críticos en casos de neurosis, su indicación puede ayudar al sujeto en su (re) compromiso en un análisis. A partir de los desdoblamientos del acompañamiento terapéutico narrado aquí, de cómo inició hasta el desenlace que tuvo, cabe aún preguntarse si en algún momento, aun frecuentando el consultorio de una analista, el sujeto en cuestión no se habría perdido en relación a su cuestión de análisis, pasando al acto y entrando en crisis.

Referencia bibliográfica:

BORGES, L. W.; FERNANDES, E. R.; GERASSI, C. S. D.; NARS, C. C. F.; PIZZIMENTI, G. O.; SIQUEIRA, T.; METZGER, C., **Demandas Atuais de Acompanhamento Terapêutico e Diagnóstico Estrutural.** *Blog do Lacaneando.* Disponível em: <https://lacaneando.com.br/demandas-atuais-de-acompanhamento-terapeutico-e-diagnostico-estrutural/> Acesso aos 22/09/2017.

LACAN, J. **O seminário, livro 17:** o avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, 231 p.

METZGER, C. **O que faz um AT nos casos de neurose?** *Página da Revista La PlazAT: La Revista Digital de Los Acompañantes Terapéuticos, nº1, Jul./2017.* Disponível em: <https://www.facebook.com/214680679024829/photos/a.220948935064670.1073741828.214680679024829/272417466584483/?type=3&theater> Acesso aos 22/09/2017.